



Albufeira – o que ver e visitar

História

Desconhecem-se as origens de Albufeira, mas tudo leva a crer que a região já era povoada em tempos pré-históricos e que o local onde hoje se ergue a cidade teria sido, alguns séculos antes da nossa era, uma importante povoação com o seu porto marítimo.

A primitiva povoação foi ocupada pelos Romanos que lhe deram o nome de Baltum. Introduziram uma



organização administrativa centralizada e desenvolveram uma intensa actividade agrícola e comercial. Construíram aquedutos, estradas e pontes das quais ainda hoje existem vestígios.

O topónimo Albufeira provem da denominação árabe "Al-buhera" que significa "castelo do mar", razão que poderá estar ligada à proximidade do oceano e/ou da lagoa que se formava na zona baixa da localidade. Os árabes construíram sólidas fortificações defensivas, tornando-a quase inexpugnável, o que até certo ponto não era infundado, porque Albufeira

foi uma das praças que os árabes conservaram por mais tempo em seu poder.

O desenvolvimento da agricultura foi notável e verificou-se a introdução de novas técnicas e de novas culturas. Os Árabes usavam já a charrua e os adubos, assim como as noras para a elevação de águas nos poços. Introduziram novos sistemas de irrigação nos campos, salientando-se os açudes e levadas, transformando assim zonas incultas em hortas e pomares.



Quando D.Afonso III ocupou o trono, já parte do Algarve tinha caído em poder dos cristãos. Templários e Hospitalários, ordens militares que auxiliaram na Reconquista, salteavam frequentemente as terras que ainda estavam sob domínio Árabe, mas detinham-se sempre diante das fortes muralhas de Albufeira. Somente depois da tomada de Faro é que a situação de Albufeira se tornou insustentável. Cercada de inimigos por todos os lados, a praça caiu em poder de D.Afonso III, que imediatamente a doou à Ordem de Aviz.

Os mouros foram perseguidos de tal forma, que só escaparam ao furor dos vencedores os que fugiram e se refugiaram numa caverna, denominada Cova do Xorino, situada por baixo das rochas delimitantes da cidade pelo lado sul.

No reinado de D. Manuel I já a vila reconquistara a sua antiga importância, pois este monarca concedeu-lhe foral em 20 de Agosto de 1504.

Albufeira foi das cidades algarvias a mais castigada por cataclismos naturais. Mas foi o terramoto e que causou os maiores estragos. O mar invadiu a vila com ondas que atingiram 10m de altura, destruindo quase todos os edifícios, tendo apenas ficado de pé 27 habitações e estas muito arruinadas.



A Igreja Matriz, antiga mesquita árabe adaptada ao culto cristão, onde a população se refugiara, pedindo misericórdia, desabou causando 227 vítimas. Depois deste terramoto continuou todo o Algarve a sofrer abalos violentos até 20 de Agosto do ano seguinte o que não impediu que se iniciassem de imediato as obras de reconstrução por ordem do Bispo D. Francisco Gomes de Avelar.

Em 1833, durante a guerra civil entre absolutistas e liberais, Albufeira foi cercada e atacada pelos soldados do Remexido: um chefe popular absolutista que danificou profundamente a vila e executou grande número dos seus habitantes.

A partir de meados do século XIX verificou-se um desenvolvimento da economia graças à actividade piscatória.

Nas primeiras décadas do século XX registou-se um aumento acentuado da exportação de peixe e de frutos secos. A vila tinha, então, cinco fábricas que empregavam 700 a 800 pessoas, sobretudo mulheres de pescadores.



De 1930 a 1960 registaram-se tempos de decadência, as armações de pesca arruinaram-se, as fábricas fecharam, as embarcações desapareceram e muitas casas foram abandonadas. A população ficou reduzida a metade e a pesca tornou-se novamente numa actividade de subsistência.

No início da década de 60, assistiu-se ao nascimento do fenómeno turístico, Albufeira foi procurada por turistas nacionais, mas foi sobretudo com os ingleses que prosperou.

Na década de 80, verificou-se um enorme surto urbanístico, tendo a cidade crescido para nascente, local para onde se transferiu a maior parte dos serviços administrativos, incluindo a Câmara Municipal.

Roteiro Monumental de Albufeira



Torre do Relógio

Situada na Rua Bernardino de Sousa, é considerada o ex-libris da cidade. No século XIX foi dotada de uma coroa de ferro que sustenta o sino das horas e actualmente encontra-se iluminada em dias de festa.



Igreja Matriz

Situada na Rua da Igreja Nova, remonta ao Século XVIII (1782) e foi sagrada no dia 15 de Julho de 1800 pelo Bispo do Algarve, Dom Francisco Gomes de Avelar. A Igreja Matriz veio substituir a antiga Igreja Matriz que ruiu durante o terramoto de 1755.

De estilo Neoclássico e de uma só nave, possui 4 capelas laterais, a capela baptismal, o coro, dois púlpitos e duas salas laterais. Estas salas são dedicadas às Santas Almas, ao Bispo S. Luís, a N.^a Sr.^a de Fátima e ao Sagrado Coração de Jesus. De realçar, uma magnífica pintura da autoria do pintor



Albufeirense Samora Barros que embeleza o altar-mor da igreja e que serve de fundo à imagem de N.^a Sr.^a da Conceição, padroeira de Albufeira. A encimar o arco da porta principal e do arco triunfal encontra-se a Cruz de Aviz, Ordem Religiosa-Militar a que pertenceu Albufeira.



Torre Sineira

Construída em 1869, faz parte da Igreja Matriz. Com uma altura de 28m, o acesso é feito por uma longa escadaria no cimo da qual se encontra um carrilhão de oito sinos.

Roteiro Monumental de Ferreira



Igreja de S. José de Ferreira

A Igreja Paroquial de Ferreira foi inaugurada a 30 de Abril de 2000 e localiza-se a Norte da povoação de Ferreira. É uma construção que ocupa cerca de 1.140 m² e que se impõe pela sua dimensão e pelo formato octogonal.

A torre do campanário encontra-se encimada por um globo simbolizado a terra e um cata-vento em forma de galo, ambos em cobre. Ao centro encontra-se uma fonte com água, elemento que simboliza fertilidade e a frescura. O painel de tijolo de vidro, de cor azul, que enquadra o altar, tem à sua frente, pendente do alto, a imagem de Cristo Ressurreição, escultura em madeira do algarvio Arlindo Arez. O painel de azulejo que enquadra a pia baptismal e que evoca "O Baptismo de Jesus no Rio Jordão por João Baptista" é da autoria das Irmãs Carmelitas. Salienta-se

ainda a imagem de S. José Baptista vinda de Itália.

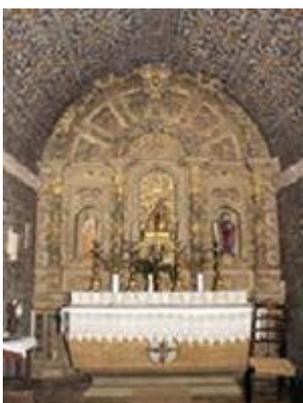
Roteiro Monumental da Guia



Igreja Matriz

A Igreja Matriz da freguesia, localizada a nascente, situa-se junto à Povoação da Guia. Trata-se de uma edificação do século XVII e tem como orago a Nossa Senhora da Visitação.

No seu interior é possível admirar o retábulo da Capela-Mor, uma imagem de Nossa Senhora da Visitação, provavelmente do século XVIII, as imagens de Santo António e de Cristo Crucificado, que remontam ao século XVII, as imagens da Nossa Senhora do Rosário e da Nossa Senhora das Dores, ambas do século XVIII, bem como os belíssimos azulejos que preenchem o rodapé do corpo da Igreja.



Ermida da Nossa Senhora da Guia

Tudo aponta para que esta Ermida seja anterior ao século XVI, mas com o terramoto de 1755, ficou parcialmente destruída. Tem sofrido sucessivos melhoramentos, dos quais se destaca o do primeiro quartel do século XVIII, altura que foi colocado o actual retábulo em talha dourada, é considerada um importante testemunho do Barroco no Algarve e constitui, sem dúvida, um dos mais importantes monumentos de valor artístico do Concelho de Albufeira. Apesar do reduzido espólio, o seu interior encontra-se parcialmente revestido de azulejos policromados, salientando-se a imagem da padroeira, datada de meados do século XVII.



Ermida de São Sebastião

Edificada possivelmente no século XVI, ou princípios do século XVII, ficando bastante danificada aquando do terramoto de 1755, mas três anos depois já se encontrava totalmente reconstruída.

A Ermida é dedicada a São Sebastião, pois segundo a tradição, foi este santo que contribuiu para o desaparecimento da Peste Negra. Do seu espólio, fazia parte uma imagem do referido Santo que actualmente se encontra na sacristia da Igreja Matriz. Trata-se de uma imagem de madeira que poderá datar do século XVII.

Roteiro Monumental de Olhos de Água



Torre da Medronheira

Construção do reinado de D. João III, servia de vigia para avisar as povoações costeiras da aproximação dos corsários.



Olheiros

Ao longo da praia podem observar-se nascentes submarinas de água doce.

Roteiro Monumental de Paderne



O Castelo de Paderne

Este Castelo é um dos que figuram na Bandeira de Portugal e foi conquistado aos mouros por D. Paio Peres Correia em 1248 e desactivado em 1858.

Classificado como I móvel de Interesse Público desde 1971, o Castelo está a ser objecto de estudo por parte do I PPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, com vista à sua valorização e classificação das áreas envolventes à Ribeira de Quarteira como Área de Paisagem Protegida. Este estudo contempla a

identificação de vários núcleos de interesse arqueológico e etnográfico, bem como a caracterização da fauna e flora existentes.



Apesar dos sucessivos restauros, o seu estado de conservação encontra-se degradado e nos nossos dias apresenta apenas alguns panos de muralha, bem como o torreão de entrada e paredes mestras da sua Ermida.

Nos princípios do séc. XVI, com a transferência da povoação do interior das muralhas para Norte, torna-se claro o seu estado de semi-abandono e mais tarde com o terramoto de 1755 sofre o desmoronamento parcial das muralhas e da torre albarrã.



Igreja Matriz

A Igreja Matriz de Paderne é um belíssimo templo de 3 naves e a sua construção data de 1506, com acréscimos posteriores.

Aquando da transferência da povoação de Paderne do interior das muralhas 2 km para Norte, construiu-se então uma nova Igreja que viria a ser a Igreja Matriz de Paderne. O templo que se iniciou então tinha três naves, quatro tramos e cabeceira composta pela ousia e duas capelas colaterais, estando em 1554 quase concluída, faltando somente a cobertura do corpo da Igreja.

Da sua arquitectura destaca-se a conjugação tardia do formulário renascentista com elementos manuelinos, nomeadamente nas cantarias dos capitéis, no arco triunfal e na cobertura de uma das capelas da cabeceira. Nos séculos XVII e XVIII procedeu-se à abertura de algumas capelas laterais no corpo da Igreja, destinadas às confrarias que aqui se sediaram e nos finais do séc. XIX foi acrescentado um tramo ao corpo da Igreja, construindo-se uma nova fachada principal (1880) e mais tarde, em 1905 procedeu-se ao aumento da torre sineira e à sua dotação com um relógio.



No seu interior é possível admirar os vários retábulos, um cálice que tem como curiosidade o facto de possuir um nó esférico achatado, o que o transforma num interessante testemunho do período renascentista.

De entre o espólio escultórico, composto por uma dúzia de exemplares de madeira dos séculos XVII e XVIII, salienta-se a imagem do Arcanjo S. Miguel, da época barroca.



Artesanato



Quer procure uma original e característica peça de artesanato, ou uma boutique das mais sofisticadas, Albufeira tem um pouco de tudo para lhe oferecer, tanto em lojas modernas e bem equipadas como nos típicos mercados. Por todo o lado, à semelhança do resto do Algarve, multiplicam-se os exemplos de todo o tipo de artesanato.

Tapetes de esparto, capachos em carepas de milho com decorações, produzidas na povoação de Almeijoafrás, Monte Novo e Cerca Velha (Paderne).